

Coleção Sempre Viva

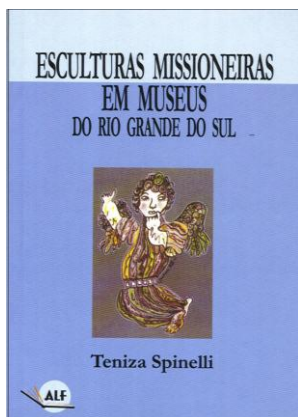
Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul



Sempre Viva

É uma coleção composta pelas publicações individuais das acadêmicas. Abriga produções de poesias, contos e ensaios. É um programa muito importante por que viabiliza projetos individuais da produção intelectual das acadêmicas.

Esculturas Missioneiras em Museus dos Rio Grande do Sul



Apresentação

Enfim um ensaio sobre Museologia! Primeiro no Rio Grande e dos poucos no país, tem um mérito extraordinário.

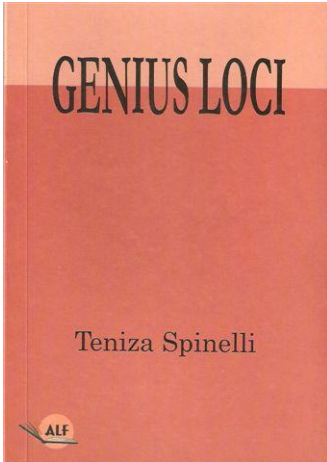
Teniza Spinelli, sempre na primeira linha dos setor, chama a atenção para o sério que é o trabalho nos museus e que grande é a responsabilidade do museólogo.

Luiz Inácio F. de Medeiros
Ex-diretor do Museu Júlio de Castilhos e
Museu de Arte. Conselho de Museologia do RS

Este documento ensaio de Teniza Spinelli é uma alerta, para as iniciativas públicas ou privadas de organização de instituições museológicas, pois se constata que muitos de nossos museus não têm seus acervos devidamente documentados quanto a sua origem e circulação, deficiência grande na gestão científica dos mesmos.

Nestor Torelli Martins
Vice-Presidente do ICOMO BR

Genius Loci



memória e imaginação.
Conta a vida

Apresentação

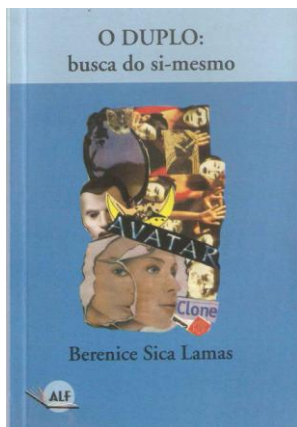
Teniza de Freitas Spinelli toma os caminhos da poesia para refazer trilhas percorridas em estradas reais e imaginárias. No espaço do poema reconstroem instantes, paisagens, impressões.

Viajante incansável, além da recomposição de momentos, busca fragmentos de si, dispersos no andar. Do mundo ao quintal, escolhe o lugar onde está e ao qual pertence, para ela “corpo de minha alma/pátio de minha vida”.

Este encontro andarilho entre viajante e poesia deve ser saudado, por Genius loci, em linguagem precisa e firma, exprimem o movimento pendular entre

Tânia Franco Carvalhal

O Duplo



O ensaio da psicóloga e escritora Berenice Sica Lamas traz uma reflexão sobre o fenômeno do duplo abordado pelo pensamento de vários autores, tecido com clareza e apresentado em uma linguagem sedutora que estimula a leitura de maneira prazerosa.

O leitor como o “outro-duplo” da autora é levado a conhecer o pensamento de grandes autores, perpassando a psicologia, linguística e literatura numa abordagem delicada e cuidadosa, chegando mesmo ao encantamento, pois a linguagem simples e ao mesmo tempo sofisticada propicia um imbricamento teórico sem perder a continuidade literária. Cria cumplicidade através da identificação do leitor

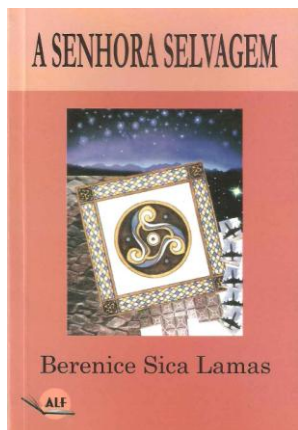
com seu duplo.

A complexidade desse tema abordado com linguagem corrente e fluida aproxima o leitor de uma reflexão teórica rica e cara a todas as pessoas que buscam compreender a questão da identidade humana. Reconhecer que cada indivíduo possui características distintas, revela unidade e diversidade, e essa dicotomia exige aceitação e respeito.

A leitura deste texto contribui significativamente para a reflexão, discussão e compreensão da busca empreendida pelo ser humano durante sua vida: o eu, o outro e nós.

Eloá Muniz
Psicanalista Clínica

A Senhora Selvagem



Em Trânsito entre duas línguas, dois países, duas culturas se derramam as raízes potentes da poesia de Berenice Sica Lamas, escritora e poeta que nós, amigas do Gruppo '98 Poesia, conhecemos e tivemos o prazer de abrigar entre nós por dois anos em Bologna, antes de decidir retornar ao seu Brasil, não sem prometer um contato constante e afetuosos através da rede.

Este seu livro bilíngue, que tangencia e cuida o vivido de ambas as experiências reconduzindo-a a uma única identidade, aparece como fruto apaixonado e maduro de uma mulher que, talvez, também pela formação profissional, sente necessidade de uma contínua

busca de conhecimento de si mesma e do mundo.

A melodia da doce língua portuguesa e a passionalidade da língua italiana, língua do passado familiar – se fala, de fato, de um bisavô de origem *irpina* – mas também do presente e do filho que reside na Itália, se entrelaçam soldando uma aliança e uma vontade de reconciliação entre duas partes de si – cultural e biologicamente presentes.

O livro abre com a descrição de Bologna sufocante e deserta de verão, onde o *ferragosto* esvazia as ruas mas enriquece a memória de presenças.

Bologna é o porto onde deve atracar finalmente para depois partir com renovado vigor sobre a onda de um pensar e de um viver que, nascidos na mente em língua portuguesa, continuam a refratar-se, ondas sobre ondas, na língua da chegada.

Ponto central do livro é a pergunta a Caronte logo seguida do poema “*identidade que é*”, que a poeta se faz, também percebendo-se ampliada na distância geográfica que divide entre dois filhos, porém a resposta é clara, “*eles gostam de minha mão materna*”.

A “*mão materna*”, o acudir e o apoio constante às vidas e à própria escritura sustentam em Berenice Sica Lamas uma esperança contínua de paz. Esta “*senhora selvagem*”, que borda e descreve o “*patchwork*” da própria vida (e de todos nós) como “*impregnado*” de “*cada espaço de tempo*”,

introduz porém na escritura, junto ao elemento materno um outro elemento menos tranquilizador e talvez mais profundamente *chicano*, aquele da potência selvagem de Lilith e da tigresa a simbolizar uma portência de um feminino terrestre não domesticado e um tanto perturbador.

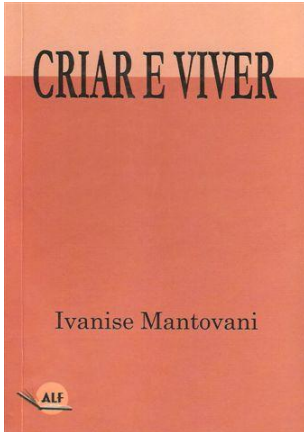
Em um dos poemas mais importantes “*para construir uma poeta*”, ela, definindo-se “*plurihabitada*”, admite que na mulher e em maior medida em uma mulher que escreve, sempre força e fragilidade coabitam, portência e necessidade de cuidar, assim como habita no feminino uma necessidade de beleza, os “*pequenos deliciosos cogumelos*” que espargindo as próprias sementes no mundo aliviam a dor dos homens permitindo a alucinação de um sonho do bem.

A condição da poeta, “*descalça e sem pés*” é aquela de quem busca uma palavra encarnada, tornada sangue. Uma palavra aderente à realidade, “*espessa*”, densa de significados e humores que, como uma deusa da sabedoria, uma “*senhora de cabelos brancos*” usa e transforma o clássico, contaminando-o com as “*enigmáticas percepções*” de um saber indígena e de outras culturas. Talvez a escritura de uma nova épica do feminino será trazida para nós por poetisas como Berenice Sica Lamas, que superam as culturas e se tornam pontes para novas consciências.

por Loredana Magazzeni, Bologna, abril de 2011

Tradução – Berenice Sica Lamas

Criar e Viver



Apresentação

Ivanise e sua poesia vivem em mim há mais de vinte anos. Uma convivência de anos intelectual. O seu traço, no *crayon* e no nanquim tem leveza e expressão.

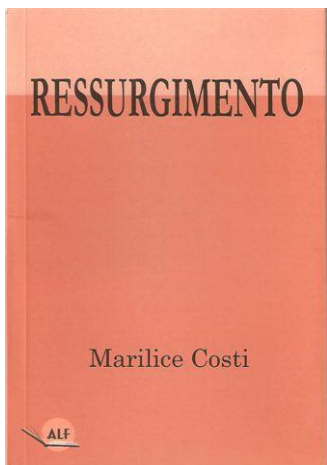
Ela é talento multifário, polimorfo. Sua poesia, folha de papel solta ao sabor de todos os ventos, é a doçura viva.

Se todos os poetas fossem verazes, *fingidores em nome do convívio humano*, como quer Fernando Pessoa, saberiam traduzir o verso: “Desprovida de afeto/ leiloaram meu sonho/ bem perto da infância.”, p. 26.

Assim, solitude no canto mimoso, os seus amigos são pipas ao vento. Raridade nada risível, em poesia, e dos que falam a linguagem do amar prazeroso.

*Joaquim Moncks
Admirador confesso.*

Ressurgimento



Apresentação

Tendo como analogia a via e morte de uma calopsita, Marilice Costi faz uma trajetória dialética entre sentimentos opostos – Sombras e Aurora – ao percorrer uma etapa dolorosa e ao recompor-se com alegria.

De profundo humanismo, a autora domina a técnica da forma, da melodia e do lugar incomum e, com notável sensibilidade, instiga rompendo paradigmas.

A escritora se revela num “fluxo contínuo”, imprime um ritmo agitado e sem pausa, com a necessária isomorfia ao tema, recurso fenomenológico denominado “noese” por Husserl.

A inclusão do feminino está na natureza partícipe de vida e morte, berço e túmulo, útero e colo, e leva o leitor a identificar-se com o sentimento universal e poético, expresso num movimento lírico-dramático de versos pulsantes.

Theresa Medeiros